



Sarriá II

ou A inevitabilidade

um conto de: **EDUARDO SOUZA LIMA**

Tempo é dinheiro, diz o dito popular; Dažbog Çullhaj tinha os dois de sobra. O homem mais rico do planeta, entronizado CEO da Terra – ou Dono do Mundo, para os desafetos –, cuja fortuna era estimada em 146 trilhões narizes de formiga, conquistou a imortalidade dois anos antes do previsto por Ray Kurzweil, graças ao Kosheii, um elixir criado por sua equipe de cientistas, que reunia todos os Nobéis de Física, Química e Medicina desde o início do século ainda vivos. A quantia reservada ao seu novo projeto consumiria apenas uma quantia irrisória diante de sua riqueza e, para ele, os 70 anos que calculou – entre a coleta de DNAs para a criação dos clones e o tempo de maturação – para concretizá-lo equivaliam a uns poucos meses.

O Brasil foi o país escolhido pelo albanês Çullhaj para dar início – pontapé inicial? – ao seu primeiro e mais ambicioso plano: tomar para si todo o dinheiro existente. Fazia isso com as melhores intenções, acreditava que só assim eliminaria a miséria, reduziria a desigualdade econômica e acabaria com a crise ambiental. Mas essa é outra história; concentremo-nos neste episódio em particular de sua longa vida – àquela altura, tinha 132 anos de idade. No país do futebol, como sói acontecer com a maioria dos gringos, apaixonou-se pelo esporte. Virou torcedor do modesto Clube Atlético Juventus, por influência do amigo playboy da Mooca Cleber Eduardo. Çullhaj – Ódio eterno ao futebol moderno! – vivia a repetir o paulistano juventino.

Passado meio século, a Humanidade já colonizava diversos exoplanetas. Çullhaj preferiu erguer uma cópia fiel do Estádio Sarriá num deles, Ninhursag, que tinha gravidade compatível com a da Terra e orbitava Petas Artimanus, uma anã amarela, como o Sol. A impressora 3D reproduziu o palco da tragédia, que fora demolido em 1997, à perfeição. Bem mais complicado foi replicar com a máxima fidelidade as 44 mil pessoas presentes; muitos tiveram de ser programados genericamente como agiam os torcedores de futebol nos distantes anos 1980. De humanos, só ele e Cleber Eduardo estavam na arquibancada. Como muitos, o playboy da Mooca, a princípio, não queria tomar o Kosheii. Ele não via sentido em ser imortal; aceitou somente para não perder esta ocasião. Sua intenção era reverter depois seu efeito, para morrer de velhice.

Çullhaj havia calculado o lugar exato onde erigir o Sarriá II, para garantir as mesmas condições climáticas do dia da peleja. Às 17:15h – no fuso horário onde existira um país chamado Espanha – o árbitro deu o apito inicial. Os dois amigos estavam eufóricos, felizes como crianças. A alegria durou pouco: logo aos 5 minutos de jogo, numa desatenção da defesa brasileira, Cabrini cruzou para Paolo Rossi, livre como um pássaro, marcar de cabeça. Os dois se entreolharam, incrédulos.

– Eu previ que algumas coincidências poderiam acontecer – disse Çullhaj, para consolar Cleber Eduardo.

No entanto, aos 12 minutos, Sócrates empatou. A alegria da dupla estava por um fio e acabou de vez quando Rossi fez 2x1 para a Itália, 13 minutos depois. Aí tiveram certeza de que veriam a História se repetir.

– Pelo menos, vamos ver um bom jogo ao vivo – conformou-se o playboy da Mooca.

Encheram a cara de Olde Mink e relaxaram. Tudo aconteceu, como se os jogadores seguissem um roteiro, até que o androide programado com as inteligência e acuidade do juiz Abraham Klein agiu como paródia e marcou o pênalti de Gentile sobre Zico, aos 36 minutos do segundo tempo, quando a Itália vencia o jogo. Zoff chegou a tocar na bola, ainda que o Galinho tenha batido magistralmente: 3x3. Os amigos voltaram a ter esperanças, O empate era o suficiente para o Brasil passar para a próxima fase, mas o time continuou tentando a vitória e, num contra-ataque fulminante, Paolo Rossi marcou o seu quarto gol, aos 44.

– Não tem jeito. Esse time só sabe jogar pra ganhar – sentenciou, Cleber Eduardo, conformado.

A tragédia se repetiu como farsa. Çullhaj finalmente percebeu que não é possível mudar o passado, mesmo como simulacro. Todavia, como não admitia derrotas, assim que deixaram Ninhursag, desintegrou totalmente o seu trabalho de 55 anos como se nada fosse.

Eduardo Souza Lima é carioca de Realengo, radicado em Paraty. É jornalista, cineasta e escritor. Lançou seu primeiro romance, "Martina no Vale do Germânio" (Cousa), na Flip de 2023. Em 2025 saíram mais dois, "A transação do infinito" (M.inimalismos) e "Esmagaar, matar, destruir" (Opera), o livro de contos "Flor do Bairro" (Opera) e o infantil "Flora" (Zit). Este ano, lançou a antologia "Essa concha com o som latente do mar" (Lírio).